

# Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura

Yolanda Maria Muniz Tuzino  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

## Índice

<b>1</b>	<b>Introdução</b>	<b>2</b>
<b>2</b>	<b>Conceito de Crônica</b>	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>A Crônica como “filha do jornal”: surgimento e evolução histórica no Brasil.</b>	<b>4</b>
<b>4</b>	<b>Crônica: uma criação brasileira.</b>	<b>8</b>
<b>5</b>	<b>Classificações de Crônica</b>	<b>11</b>
<b>6</b>	<b>Jornalismo ou Literatura?</b>	<b>13</b>
<b>7</b>	<b>Consederações finais</b>	<b>15</b>
<b>8</b>	<b>Referências</b>	<b>16</b>

## Resumo

Crônica é um gênero textual híbrido, é um ponto de intersecção entre o Jornalismo e a Literatura. O principal objetivo deste trabalho é pesquisar as origens e justificativas que levaram à união de duas esferas do conhecimento – jornalística e literária – a se entrecruzarem e resultarem neste modo peculiar de construção textual. O berço da crônica brasileira é o jornal impresso. Aqui ela foi desenvolvida pelos cronistas de modo tão singular que, além de não existir texto com características similares no âmbito internacional, passou a ser apontada como uma criação genuinamente brasileira. Para seus leitores

– não raro – cativos, ela representa uma exceção às regras visivelmente presentes nas notícias do jornal impresso. Isto porque a crônica tem a façanha de ser um texto que informa através do enfoque autoral, subjetivo, opinativo, parcial. Para o cronista, por sua vez, a crônica é o texto que lhe dá a liberdade de transitar pelo real e pelo ficcional, pelo noticioso e pelo literário concomitantemente. As características muito próprias do gênero textual Crônica e sua natureza híbrida são os escopos deste estudo.

## 1 Introdução

A leitura dos jornais impressos brasileiros mostra que a maior parte das notícias é construída com base nos princípios da objetividade e imparcialidade das informações. Ocorre que existe um gênero textual que possibilita, justamente, uma outra forma de se narrar os fatos cotidianos. Nesse sentido surge a Crônica: um gênero híbrido, uma intersecção entre o Jornalismo e a Literatura.

A metodologia utilizada foi, basicamente, a de levantamento, leitura e reflexões a partir de textos correlatos ao tema. Em tais leituras sobressalta-se o unânime entendimento de que consagrados escritores da literatura brasileira, de ontem e de hoje (como Machado de Assis e Carlos Heitor Cony, para citar apenas dois exemplos), usam do espaço destinado às crônicas como meio eficaz para a conquista dos leitores. Aliás, não raro, são justamente as crônicas dos jornais impressos que revelam estes talentos.

Nenhuma crônica foi transcrita neste estudo, justamente por serem muitos e de tão diferentes estilos os cronistas brasileiros nas diferentes épocas. Assim, o que se deseja é enfatizar os potenciais deste gênero textual opinativo, e não este ou aquele autor já renomado. A percepção de que uma crônica não é um ‘gênero menor’ da Literatura – como também não se resume ao universo literário, pois é híbrida - é a proposta de enfoque deste estudo. Por tudo isso o trabalho está assim disposto:

O Capítulo 1 apresenta o conceito de Crônica, a origem etimológica e o emprego atualmente usado para o vocábulo. No Capítulo 2 é abordado o surgimento da crônica nos jornais impressos. Posteriormente, o Capítulo 3 discorre sobre os diferentes estudiosos que defendem-na como uma criação genuinamente brasileira. No Capítulo 4 são apresentadas as principais classificações já realizadas sobre tal gênero textual. No Capítulo 5 questiona se é possível classificar especificamente a crônica como algo próprio tão somente do Jornalismo ou da Literatura. Por fim, as Considerações Finais deste estudo que, longe do objetivo de esgotar tal tema, anseia por – ainda que modestamente –

contribuir para uma abordagem distante daquelas que dos que não vislumbram na Crônica um gênero textual de natureza híbrida.

## **2 Conceito de Crônica**

O sentido etimológico de crônica está relacionado à palavra grega *chronos*, tempo. Na língua portuguesa existem muitos termos cujo radical, etimologicamente, estão ligados ao sentido original - tempo. Além disso, diferentes dicionários definem a “crônica” referindo-se ao sentido original de “cronos”. Segundo Massaud Moisés (2003, p. 101):

*“Do grego chronikós, relativo a tempo (chrónos), pelo latim chronica, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ cedeu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.”*

A acepção moderna de crônica passou a ser empregada no século XIX, quando tal vocábulo revestiu-se de sentido estritamente literário. O autor Massaud Moisés explica que a ampla difusão da imprensa beneficiou o vocábulo que, então, rapidamente passou a ser uma “narrativa histórica” presente nos jornais impressos.

Outro aspecto do conceito de crônica levantado por José Marques de Melo (1985, p.111) diz respeito ao entendimento do que se seja crônica na atualidade para o Jornalismo nacional e, comparativamente, para o internacional. Segundo Melo, ainda hoje no jornalismo mundial o termo está relacionado à idéia de relato cronológico enquanto no Brasil, diferentemente, a crônica possui um sentido claro e inequívoco para os brasileiro como um texto breve, relacionado a atualidade e publicado em jornal ou revista. Para Melo somente no Brasil a crônica tem “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária”.

As autoras Flora Bender e Ilka Laurito (1993, p. 10-11) explicam que, por evolução, o termo “crônica” hoje é usado como designativo de um gênero específico de textos. Porém, seja como no sentido inicial de “registro do passado e dos fatos na ordem em que sucederam”, seja em sua acepção atual enquanto - “enfoque dos fatos do dia-a-dia” - o vínculo com o sentido etimológico permaneceu:

“(…) tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao sentido moderno, é que a crônica, pela sua própria origem, está sempre ligada a idéia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo” (BENDER e LAURITO. 1999, p. 11).

### 3 A Crônica como “filha do jornal”: surgimento e evolução histórica no Brasil.

O Humanismo, ou seja, a transição da Idade Média para o Renascimento, tem início em Portugal no ano de 1418. Essa contextualização histórica é importante na medida em que o Brasil foi colonizado por aquele país. Fato que também atribui importância para o ano de 1418 é, de acordo com as autoras Flora Bender e Ilka Laurito (1993, p. 11-12), a nomeação de Fernão Lopes como guarda-mor da Torre do Tombo, local que funcionava como um arquivo de documentos do Reino. Em 1434, o rei D. Duarte nomeou o arquivista Fernão Lopes como “cronista-mor do Reino”. Ou seja, incumbiram-no de registrar, profissionalmente, os feitos dos antigos reis de Portugal e do, então, atual através de textos chamados de “*caronyca*”, ou seja, crônica.

“A data de 1434 é um marco não só para a História como para a Literatura Portuguesa. E também para o gênero crônica: o cronista – que já vinha desde a Idade Média - passa a ser um escritor profissional, pago para trabalhar com a matéria histórica, matéria que deverá, de agora em diante, despojar-se do maravilhoso e do lendário, que se imiscuíam nos longos ‘cronicões’ medievais, para ater-se aos fatos e à interpretação *desses fatos*. Além de Fernão Lopes – considerado o melhor de todos – outros escritores assumiram a função de cronista-mor do Reino, até que, na altura do século XVI, e já em pleno Renascimento, a *História* se afirmasse como gênero definido. A palavra **crônica**,

*no entanto, ainda que, posteriormente, viesse a abranger outros sentidos, permaneceu na língua portuguesa com o sentido antigo de narrativa vinculada ao registro de acontecimentos históricos”* (1993, p. 12).

Portugal tomou a posição de vanguarda na época quando investiu no empreendimento das Grandes Navegações rumo à descoberta de novas rotas marítimas e terras. Assim, em 1500, os portugueses chegam ao Brasil. A vinda será relatada em carta, descoberta posteriormente na Torre do Tombo, por Seabra da Silva, no ano de 1773. Tal carta, de autoria de Pero Vaz de Caminha, além de conter o relato da ‘descoberta’ do Brasil configura-se como a primeira crônica nacional.

“A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. (...) Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva.” (SÁ. 1985, p. 5-6).

Importante destacar que, todas aquelas cartas contemporâneas à Caminha, eram crônicas no sentido tradicional do termo – relato cronológico- pois naravam o que acontecia no Novo Mundo. “A história de nossa literatura se inicia, pois, com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a Literatura Brasileira nasceu da crônica.”, (SÁ. 1985, p. 7).

Outro marco importante para a crônica literária brasileira é 2 de dezembro de 1852. Foi nesta data que Francisco Otaviano inaugurou o Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, a seção A Semana, ou seja, os folhetins literários do Romantismo (BENDER e LAURITO, 1999, p. 29). Outros estudiosos compartilham e assinalam o nascimento da crônica brasileira no ano de 1852 e como folhetim:

“Bazar asiático, miscelânea de assuntos. Essa foi a definição do folhetim do século XIX para o escritor e folhetinista José de Alencar. Folhetim, inicialmente, era a denominação de qualquer seção de jornal, na qual publicavam-se desde ensaios a críticas

literárias. Com o Romantismo, ele passou a representar uma fórmula literária presa à massificação da cultura, utilizado pela burguesia, classe que também se constituiu como principal público consumidor e o utilizava como uma forma de crítica à cultura aristocrática. Aprecia no rodapé dos jornais, onde eram publicados artigos, críticas literárias ou resenhas.”,(NEIVA)

“É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc.”, (MELO, 1985, p.113-114).

O espaço de rodapé dos jornais impressos de então que eram destinados aos folhetins passaram a abrigar diversos assuntos de tal modo que, segundo a jornalista Érica Michelline Cavalcante Neiva, “qualquer texto que (...) naquela época, não preenchesse as exigências jornalísticas era publicado no espaço folhetinesco. Por isso, o conto, a crônica, a novela e o romance eram considerados folhetins, uma vez que ocuparam o rodapé dos jornais.”.

Para os cronistas de então, escrever para o espaço do folhetim proporcionava notoriedade, status, dinheiro e também um meio para se profissionalizarem na escrita e, quiçá, posteriormente serem convidados para publicarem seus escritos em livros.

“Os historiadores literários explicam que os escritores da época, não tendo condições de viver da literatura, recorriam à imprensa como fonte de sustentação. A imprensa pagava mal, mais pagava em dia. E era também uma oportunidade para que os homens de letras conquistassem um público permanente.”, (MELO, 1985, p.114).

Além disso, por evolução, as crônicas foram se desprendendo do fator cronológico dos fatos e ampliando suas possibilidades literárias:

“À medida que a crônica ganhou o seu espaço no jornal impresso, sobretudo, com os textos de Machado de Assis, no século

XIX, o fator tempo passou a não ser tão fundamental. O aspecto cronológico cedeu caminho às inúmeras possibilidades de significados da crônica, à sua abrangência temática e linguística.” (NEIVA).

Com o início da Revolução Industrial na imprensa, a “crônica entrou em recesso”. Segundo Luiz Beltrão (1980. P.67), tal “recesso” se deu no momento em que os jornais transformaram-se em “*big business*”, ou seja, deixaram de ser de propriedade privada, deixaram de ser individuais e tornaram-se coletivas, pertencentes à grupos econômicos.

Essa transição no modo de gerir um jornal impresso, torná-lo similar à uma empresa – e, como tal, profissionalizando-o e almejando a obtenção de lucros – afetou diretamente as lógicas de produção das notícias e de tudo o que nele fosse publicado. Sucessivamente o teor pessoal e intimista dos jornais fora perdendo espaço para a objetividade na maneira de se noticiar os fatos.

“As mudanças jornalísticas começaram a acontecer. O século XX esteve sob a égide de várias transformações como a divisão social do trabalho; o surgimento do rádio e a eclosão da Primeira Guerra Mundial que causaram profundas modificações na imprensa. Esta viveria um grande processo de modernização através da importação de novos equipamentos e de uma maior definição nas relações sociais de trabalho, conseqüências da intensificação do sistema capitalista. Essas relações se deram com a definição de três classes sociais: a burguesia, dona dos meios-de-produção; os trabalhadores intelectuais que escreviam nos jornais e os operários que constituíam a classe proletária.”, (NEIVA).

De acordo com NEIVA, a notícia transformou-se em bem de consumo e, como tal, destinava-se às exigências de seu público consumidor. O corpo do jornal passou por várias modificações e dividiu-se em seções especializadas implicando, conseqüentemente, em “inovações na crônica moderna”:

“Nessas condições, podemos observar que as colaborações dos literatos passaram a ocupar um espaço separado, pois o jornal não pretendia manter o predomínio do caráter literário em suas páginas. Assim, também a crônica passou a ter um lugar específico quanto à forma de distribuição das informações. O cronista do século XX preocupou-se com o espaço jornalístico que o seu texto ocupava (...).” (NEIVA)

Mas, ciclicamente, uma nova fase inicia-se em razão de atender às necessidades dos leitores por textos opinativos e especializados:

“A preferência do leitor pelas opiniões individuais, sua escassez de tempo para ler todas as matérias publicadas, levando-o a procurar aquelas secções que dissessem respeito *aos seus interesses profissionais ou respondessem aos reclamos imediatos do seu espírito, juntamente com a variedade de temas que exigia pessoal habilitado em cada setor da atividade humana para atender a demanda da audiência foram motivos predominantes, econômica e socialmente falando, do retorno dos cronistas ao jornalismo.*” (BELTRÃO. 1980, p. 67).

O autor Antonio Candido no prefácio do livro da coleção *Para Gostar De Ler*, intitulado “A vida ao Rés-do-chão”, é quem diz que a crônica “é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” (1989, p. 6). Mas, mais adiante o autor elucida:

“Retificando o que ficou dito atrás, ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou quotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos.(...)Antes de ser crônica propriamente dita foi ‘folhetim’, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, - políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção ‘Ao correr da pena’, título significativo a cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, *de 1854 a 1855. Aos poucos o ‘folhetim’ foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.*”, (1989, p. 6-7).

#### **4 Crônica: uma criação brasileira.**

Na atualidade muitos estudiosos são unânimes em proclamar que a crônica é um gênero tipicamente nacional. “No momento em que a imprensa brasileira se afirmou, os folhetins da França nela se aclimataram, floresceram e encontraram uma feição de tal maneira própria, que fez muitos críticos contemporâneos afirmarem que a crônica é um fenômeno literário brasileiro”, (BENDER e LAURITO. 1999, p. 12).



Gênero controvertido, a caracterização da crônica varia de país para país, no entanto, segundo José Marques de Melo, as características apresentadas pelo gênero no Brasil não se encontram em nenhum outro lugar. De acordo com Melo, no jornalismo mundial a crônica é um termo vinculado ao relato cronológico, à narração histórica.

“No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países.”, (MELO. 1985, p. 111)

Segundo Regina Rossetti e Herom Vargas (Unirevista, 2006), a crônica, graças à “diversas personalidades criadoras”, tornou-se uma inovação própria do jornalismo brasileiro como gênero autônomo:

“(…) podemos dizer que existiram dois modos de se fazer crônica. O mais primitivo, e ainda atuante em alguns países, é a crônica no tempo linear e ordenado historicamente pela justaposição dos acontecimentos. O segundo modo de se fazer crônica é em um tempo criador que reinventa os fatos para narrá-los de forma poética, para traduzir verdades que a mera reprodução dos fatos não poderia expressar.” (p.8 e 9, 2006).

Uma visão do Jornalismo comparado leva à percepção de que, conforme Melo, a crônica possui características comuns em países como Itália, França e Espanha. Em suma, a crônica assimila como principal característica: cobertura especializada na França; informação observada e conferida [averiguada] na Itália; por fim, na Espanha onde a crônica tem por atributo central ser uma informação com análise, interpretativa.

No contexto internacional, segundo Melo, o país onde a crônica possui uma caracterização mais próxima da brasileira é Portugal. A característica que faz com que se equivalha é que o autor de uma crônica portuguesa age de modo similar ao autor brasileiro para redigi-la: utiliza-se dos fatos como pretexto.

José Marques de Melo cita a denominação dada aos textos que se aproximam da crônica em alguns outros países. Por exemplo: a “action stories” na Inglaterra; a “glosa” na Alemanha ou ainda a similar “feature” nos EUA.

No antológico texto “A vida ao Rés-do-chão”, Antonio Candido menciona a questão: “No Brasil ela [*a crônica*] tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com

que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu.” (1989, p. 6-7).

Expressão literária tipicamente brasileira ou não, o autor Massaud Moisés (2003, p. 102-103) entende que tal discussão sobre a crônica seja uma “Questão ociosa, ideal para discussões acadêmicas, tem derramado tinta inútil”. No entanto, Moisés não passa incólume pela discussão e acaba por argumentar que, ainda que de origem francesa, “a crônica assumiu entre nós caráter *sui generis*”:

“(…) se gaulesa na origem, a crônica naturalizou-se brasileira, ou melhor carioca: é certo que há cronistas, e de mérito, em vários Estados onde a atividade jornalística manifesta vibração algo mais que noticiosa, - mas também é verdade que, pelo volume, constância e qualidade de seus cultores, a crônica parece um produto genuinamente carioca. E tal naturalização não se processou sem profunda metamorfose, que explica o entusiasmo com que alguns estudiosos defendem a cidadania brasileira da crônica: ao menos da crônica dos nossos dias, tudo faz crer que raciocinam corretamente. De qualquer modo, a crônica tal qual se desenvolveu entre nós, parece não ter similar noutras literaturas, salvo por influência de nossos escritores (como na moderna literatura portuguesa)” (MOISÉS. 2003, p. 103).

Para Flora Bender e Ilka Laurito o tom descontraído da crônica brasileira, tal qual “conversinha miúda”, fez com que, no exterior, muitos cursos de língua e literatura brasileira tenham sido ministrados com sucesso utilizando-se das crônicas. Segundo as autoras um “sotaque” brasileiro foi acrescentado ao gênero:

“Se fossemos comparar o gênero a um prato de comida, não seria, certamente, uma sofisticada iguaria da culinária francesa e sim a comidinha trivial, o arroz e feijão com picadinho e batata. Embora de origem estrangeira, aclimatou-se bem à nossa terra, assim como a cana-de-açúcar e o café. Não se pode dizer que seja um gênero exclusivamente brasileiro, mas tem o nosso sotaque e encontrou, aqui, nos nossos leitores e jornais, seu habitat ideal.”, (1999, p. 45).

O cronista Carlos Heitor Cony, em entrevista à revista Cult (2006, p.8) fez uma declaração que sintetiza este capítulo: “A crônica é um gênero tipicamente brasileiro. Em outros países, ela também existe, mas não tem as nossas características”.

## 5 Classificações de Crônica

Objeto de estudo de pesquisadores do jornalismo e da literatura e por comportar várias espécies, a crônica despertou a criação de diferentes classificações por tais estudiosos.

“Na bibliografia sobre crônica brasileira encontramos quatro tentativas de classificação: Luiz Beltrão usa um critério jornalístico; Afrânio Coutinho toma como base a tipologia literária; Massaud Moisés procura uma correspondência com os gêneros literários; Antônio Cândido orienta-se pela estrutura da narrativa.”, (MELO, 1985, p.116).

Segundo Luiz Beltrão (1980, p. 68), a crônica possui duas classificações:

### 1. Quanto à natureza do tema:

*Crônica geral*: é aquela com espaço fixo no jornal, onde o autor aborda assuntos variados.

*Crônica local*: também conhecida como “urbana”, trata dos temas quotidianos da cidade.

*Crônica especializada*: o autor, que é um “expert” no assunto, trata de assuntos referentes a um campo específico de atividade.

### 1. Quanto ao tratamento dado ao tema:

*Analítica*: nesta os fatos são expostos e dissecados de modo breve e objetivo; é dialética.

*Sentimental*: o autor apela à sensibilidade do leitor; os fatos comovem e influenciam a sensibilidade.

*Satírico-humorística*: crítica, ironiza, ridiculariza fatos ou pessoas com a finalidade de advertir ou entreter o leitor; possui feição caricatural.

As autoras Flora Bender e Ilka Laurito (1993, p. 57) adotam a divisão do autor Afrânio Coutinho (1967, p. 97-98) que assim classifica:

“Há diversos tipos de crônica na literatura brasileira. Pode-se classificar esses tipos pela natureza do assunto ou pelo movimento interno. Assim temos, a) a crônica narrativa, cujo eixo é uma história, o que a aproxima do conto, como no exemplo de Fernando Sabino; b) a crônica metafísica, constituída de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens,

como é o caso de Machado de Assis ou Carlos Drummond de Andrade, que encontram sempre ocasião e pretexto nos fatos para dissertar ou disreter filosoficamente; c) a crônica-poema em prosa, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele significativos, como é o caso de Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Manuel Bandeira, Ledo Ivo; d) a crônica-comentário dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, ‘o aspecto de um bazar asiático’, acumulando muita coisa diferente ou díspar, como são muitas de José de Alencar, Machado e outros. É evidente que essa classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais na realidade se encontram fundindo traços de uns e outros.”(COUTINHO, 1967, p. 97-98).

Para Massaud Moisés (2003, p. 108-109) “a crônica deriva para o conto ou a poesia” ela é a “poetização do cotidiano”. Sendo assim, existem dois tipos fundamentais de crônica: “a crônica-poema e a crônica-conto”.

Na “crônica-poema” o cronista explora a temática do ‘eu’, concentra-se nas emoções do autor que “não raro impelindo o cronista a transformar o texto em página de confissão, de diário íntimo ou de memórias” (MOISES, 2003, p.111). Nestas, o os cronistas podem, inclusive, fazer versos ao longo do texto ou mesmo encerrá-lo com uma estrofe. Exemplo de cronista deste tipo é Carlos Drummond de Andrade.

Na “crônica-conto” é aquela em que um fato chama a atenção do cronista e este o narra como se fosse um conto. Nestas o cronista assume o papel de narrador, de historiador.

Quanto à classificação de Crônica feita por Antônio Cândido (1989), José Marques de Melo (1985) resume:

“Sem a pretensão de criar categorias, mas tão-somente destacar diferenças entre os modernos cronistas brasileiros, Antônio Cândido sugere a seguinte classificação: Crônica-diálogo – *onde o cronista e seu interlocutor imaginário se revezam, intercambiando informações e pontos de vistas; exemplos: Gravador (Carlos Drummond de Andrade) e Conversinha mineira (Fernando Sabino);* Crônica narrativa – *tem certa estrutura de ficção, marchando rumo ao conto;* Crônica exposição poética – *divagação livre sobre um fato ou personagem; cadeia de associações;* Crônica biografia líricanarra *poeticamente a vida de alguém.”*(MELO, 1985, p. 118)

Nem mesmo a classificação de crônica escapou de virar assunto para uma crônica. Com a presença típica do humor o cronista Luís Fernando Veríssimo escreveu o texto “Crônica: definições”, publicada em 09 de outubro de 1979 no jornal Folha de São Paulo:

“Crônica é qualquer crônica, ou uma crônica qualquer. Croniqueta é o nome científico da crônica curta, como pode parecer. (...) Cronicão é a crônica grande, substanciosa, com parágrafos gordos. (...) Grande crônica é o crônicaço. O crônicaço é consagrado. Seu autor sai na rua e deixa um rastro de cochichos – É ele, é ele.”

## **6 Jornalismo ou Literatura?**

“Poder-sei-e a dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se referiam às notícias, a sua principal preocupação é com ‘estórias’? Os jornalistas vêem os acontecimentos como ‘estória’ e as notícias são construídas a como “estórias”, como narrativas, que não estão isoladas de ‘estórias’ e narrativas passadas. (...) Poder-ia-se dizer que os jornalistas são modernos contadores de ‘estórias’ da sociedade contemporânea, parte de uma tradição mais longa que contar ‘estórias’.” (TRAQUINA, 2004, p.21)

Os mitos da objetividade e da imparcialidade, presentes nos manuais de jornalismo, não são enfoques deste trabalho. Parte-se do pressuposto de que, o jornalismo tem o compromisso com a verdade e com a ética. Estes são os pilares desta profissão. Dito isto, entende-se que este mesmo jornalismo também comporta uma vertente parcial, autoral, subjetiva. Mas que necessariamente atrelada aos já citados pilares: o da verdade e da ética.

“Com o duplo papel que desempenha na sociedade moderna – como veículo de notícias e de opinião -, o jornalismo, de modo geral, não pode prescindir das responsabilidades éticas, dos deveres morais básicos que estão implícitos na natureza da comunicação social e que se exprimem pelas suas funções informativa e formativa.” (BAHIA, 1990, p. 222).

A busca pela informação, pelo “conhecimento dos fatos” é inerente aos homens. Este incessante processo de formação de uma opinião acerca de algum assunto rege a vida social. O estudioso Luiz Beltrão mostra como a comunicação está presente na sociedade desde sua formação:

“Entre todas as atividades humanas, nenhuma corresponde tanto a uma necessidade do espírito da vida social quanto jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimentos possíveis do que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças, na comunidade em que vivemos, entre os povos que nos rodeiam e mesmo, nos mais longínquos rincões do mundo. Através desse conhecimento dos fatos, o homem alimenta seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e consequência dos acontecimentos, sente-se apto à ação. Semelhante fato ocorre às coletividades: a divulgação de informações, da exposição, ainda mesmo que superficial, do ponto de vista sobre os assuntos relatados contribuem decisivamente para formar a opinião pública que, ao ser corrente, impulsiona os agrupamentos humanos às decisões de realizações da vida social”,(BELTRÃO, 1992, p. 33).

Segundo Pedro Celso Campos, a Crônica é um dos textos inerente ao chamado Jornalismo Recreativo – gênero em que as informações jornalísticas, verbais ou não verbais, destinam-se ao lazer do leitor. Quanto ao espaço ocupado no impresso dos textos recreativos [como a crônica], o autor argumenta:

“Alguns defendem a publicação desse gênero apenas na Segunda Seção, nos segundos cadernos, nos cadernos culturais etc. Outros, como Alberto Dines, acham que o texto leve, engraçado, bem humorado deve perpassar todo o jornal. Neste caso é necessário que o repórter aprenda a desenvolver um estilo próprio pelo qual consiga escrever a notícia ou a reportagem, com todos os dados e sem faltar à ética, mas, ao mesmo tempo, usando uma linguagem fácil, agradável, simples, clara, bem-humorada”,(CAMPOS).

Não se trata de defender um jornalismo ou uma criação literária que apele para a piada gratuita ou mesmo para as grosserias apelativas. Aqui se pretende chamar a atenção para a oportunidade singular que os textos opinativos – em especial a crônica - podem oferecer para seus redatores. Informar e, ao mesmo

tempo, poder dizer o que se pensa ou sente sobre um fato é extraordinário em tempos de informações aparentemente objetivas e “frias”, ditas ‘imparciais’.

A crônica possui possibilita uma liberdade de criação rica e muito peculiar justamente em consequência de sua natureza textual híbrida. Ou seja, consequente deste seu maior atributo de representar um ponto de intersecção entre o jornalismo e o literário.

A leitura de mundo oferecida por aquele que produz uma crônica é extremamente ética, na medida em que deixa evidente (muitas vezes pelo próprio espaço destinado ao texto na diagramação do jornal, por exemplo) ao leitor de que aquele texto é autoral, é opinativo.

A Crônica é Jornalismo e Literatura. Sua natureza híbrida impera nesta compreensão. É jornalística quando busca no cotidiano os fatos da vida real que são noticiosos e é literária quando se permite utilizar elementos literários (ex: criação de personagens, linguagem solta e coloquial, etc.) para construí-la.

## **7 Considerações finais**

Através da Crônica o leitor dos jornais impressos pode tomar conhecimento dos fatos, informar-se do que acontece na atualidade e, ao mesmo, receber uma leitura de mundo; um posicionamento explícito de como o autor da Crônica compreende e relata tais fatos. A opinião presente no ato de informar, somada às possibilidades criativas próprias da Literatura, fazem da Crônica uma simbiose entre duas importantes esferas do conhecimento.

Sabe-se que no Brasil ainda é rudimentar a concepção de registros e arquivamento de objetos, dados, informações. Não é necessário ser um estudioso destes temas para perceber o quão escasso são os museus, hemerotecas e mesmo bibliotecas no país. O jornal impresso de ontem perde seu caráter imediato de atualizado, mas, torna-se documental.

Com este estudo espera-se que os outros inúmeros aspectos existentes - e aqui não esmiuçados- sobre o tema “Crônica Jornalística” e seus possíveis desdobramentos despertem interesses para outros estudos e pesquisas acadêmicas. O atributo documental e histórico que a Crônica possui na medida em que reflete temas, interesses, gírias, linguagem corrente, etc., de um dado momento; é um exemplo de sua multiplicidade enquanto objeto de pesquisa. Essa espécie de cultura de preservação das memórias, ainda pouco presente no cotidiano dos brasileiros, pode receber contribuições de textos como as crônicas.

Em suma, espera-se que com este estudo fique evidente que pesquisar sobre Crônica é ir além de personalidades literárias ou páginas envelhecidas de

jornais. Pesquisar sobre Crônica é debruçar-se sobre um fato, uma época e uma leitura subjetiva de mundo exteriorizada por um autor que ‘fala’ com intimidade e liberdade ao seu leitor.

Além disso, nesse ano são comemorados os 200 anos da Imprensa no Brasil. A crônica é “filha do jornal” e aqui desenvolveu aspectos - tão próprios e nunca visto em textos similares no âmbito internacional - que, muitos a consagram, como uma criação tipicamente brasileira.

Esta data emblemática dos 200 anos da Imprensa desponta como uma oportunidade para que se reflita quanto ao elo estabelecido entre o gênero textual crônica e o jornalismo impresso. Redigir uma crônica é ter direito a elaborar um texto livre das amarras daquele jornalismo que trata a notícia como um produto industrializado, imparcial, objetivo, meramente comercial e descomprometido com interpretações, posicionamentos, opiniões. Redigir uma crônica pode ser a alforria dos padrões vigentes nos impressos e ao mesmo ter a chance de voar no horizonte ilimitado da criatividade literária. E tudo isso sem deixar de sê-lo uma coisa ou outra.

## 8 Referências

- BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica – história da imprensa brasileira*. São Paulo: Ed. Ática. Vol. I, 1990.
- BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. 1992.
- BENDER, Flora Cristina; LAURITO, Ilka Brunhilde. *textitCrônica – História, Teoria E Prática*. São Paulo: Ed. Scipone. Col. Margens do texto, 993.
- CAMPOS, Pedro Celso. *Jornalismo Recreativo*.  
Disponível em: <webmail.facc.unesp.br>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2008.
- CÂNDIDO, Antônio. *textitA vida ao rés-do-chão*. In: *Para Gostar de ler*. Vol. V, Crônicas, São Paulo, Ática, 1989
- CONY, Carlos Heitor. *Entrevista*. *Cult Revista Brasileira de Cultura*. Bragan-tini, n 100, ano 9, março/2006.
- COUTINHO, Afrânio. *textitAntologia brasileira de literatura*. Rio de Janeiro, Letras e Artes, vol.3, 1967.



- GUARACIABA, André. *Crônica* (p. 82-89). Gêneros Jornalísticos na Folha de São Paulo. José Marques de Melo (org.). São Paulo: FTD, 1992.
- MELO, José Marques de. *A Opinião No Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985.
- MOISÉS, Massaud. *A criação Literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. *A crônica no jornal impresso brasileiro*. Disponível em <[www.unirevista.unisinos.com.br](http://www.unirevista.unisinos.com.br)>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2008.
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ed. Ática. Col. Princípios, 1985.
- ROSSETTI, Regina. VARGAS, Herom. *A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira*. UNirevista - Vol. 1 , nº3 : (julho 2006) disponível em : <[www.unirevista.unisinos.br](http://www.unirevista.unisinos.br)> . Acesso em 11 de fevereiro de 2008.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis - SC: Insular, 2004.